

RIZZO, Edgar. Uma noite no castelo: depoimentos. Correio Popular, Campinas, 28 set. 1977.

"UMA NOITE NO CASTELO" / DEPOIMENTOS

Edgar Rizzo

Uma ópera! Um acontecimento. Infelizmente uma realização que não se repete com frequência. Explicar dificuldades seria cair no óbvio. Um trabalho desafiante realizado em quinze dias ou pouco mais. Adjetivá-lo muito seria cair em lugar comum. Assim toda e qualquer crítica negativa se esvazia. E o que importou foram os depoimentos dos participantes, que de uma forma ou de outra enriqueceram o trabalho e saíram também engrandecidos.

Num dos ensaios, Niza falava do pessoal, da obra e de sua importância como estudo. Para ela, participar dessa montagem, era o mesmo que participar de um importante momento histórico. Por isso não importava o tempo curto e os possíveis desacertos. E frequentemente ela elogiava o trabalho dos companheiros, a regência de Benito e a direção cênica da Tatá. E de Carlos Gomes ela dizia: "Já nessa primeira obra, ele mostrava rasgos de genialidade". E a gente ouvindo os agudos difíceis do soprano, chegava a pensar que Carlos Gomes tinha escrito suas obras para ela. E isso foi até motivo de brincadeira. E no corre-corre dos ensaios fomos ouvindo um e outro.

José Antonio Marson, que viveu o velho Raimundo, servo do Conde, nos disse que viera a convite de Benito, que já conhecia desde os tempos do coral da USP, com o qual viajara pela Europa, como solista. "Um convite importante, apesar do tempo curto. Resolvi aceitar porque esta seria a primeira participação minha numa ópera encenada. Fiz estudos de técnica vocal com o Maestro Marcel Klass e expressão corporal com Sérgio Rovito." Marson estava um pouco temeroso quanto à qualidade do espetáculo, porque apesar do tempo integral dos ensaios, achava que nos dia da estréia a ópera não estaria ainda pronta para ser mostrada para o público. Quanto ao público. Quanto ao personagem que fazia ia dizendo: "é um dos mais interessantes da ópera, pois o Raimundo é uma extraordinária figura humana que funciona como elo de ligação entre o povo e os nobres. É uma pessoa querida pelas duas facções e nota-se que não há choques. Eu gostaria que a obra tivesse uma vida maior e fosse reapresentada".

Luiz Tenaglia, que fez Henrique, o Cavaleiro Negro, muito jovem, tem uma folha de trabalho bastante apreciável. Era também do coral da USP, onde ingressou em 71. Lá fez Carmina Burana, depois foi lançado em "Colombo". "Cantar com Niza, foi um passo decisivo na minha carreira e isso aconteceu pela primeira vez há quatro anos, quando eu tinha 18 anos. Cantei também com Zui-glio Faustini, cantei no Rio com a Sinfônica Nacional e

em S. Paulo, com a Sinfônica Estadual. O papel de Henrique é um papel dramático e a minha provável classificação é a de um tenor lírico. Então acho a ópera muito pesada para mim. Isso foi um desafio incrível. Quando recebi a partitura fiquei indeciso, mas consegui. A minha parte, além de tudo isso era muito grande, e eu nunca tinha feito cena. De repente assustei, mas estou conseguindo. Apenas acho que não vou poder curtir muito o trabalho, porque não estou tendo tempo de ficar tão seguro na partitura, como eu poderia ficar se tivesse mais dez dias. A ópera em si tem trechos muito bonitos. Algumas árias são muito melodiosas." Luizinho, além de cantar faz o curso de jornalismo e gostaria de ganhar uma bolsa de estudos para a Europa, mais precisamente Alemanha ou senão Estados Unidos, que é para onde irá Vera Lúcia Pessagno, que divide sua vida entre o canto e a psicologia. Vera também dizia que estava tendo sua grande oportunidade antes de partir para a América do Norte e a seu ver deveria também cursar teatro, porque os laboratórios, a expressão corporal são de suma importância para os cantores.

Baldur Liesenberg, o Conde Orlando, também do Coral da USP fez "Bodas" de Stravinsky em 76, um dos seus últimos trabalhos. Também achou que o tempo era curto demais, mas aceitou porque sendo profissional não poderia recusar, pois esta era mais uma oportunidade de trabalho. "Pená não se poder fazer um trabalho mais profundo sobre a personagem. Tenho entretanto que ressaltar o cenário do Perina, que gostei muito. A direção da Tereza foi muito boa. Ela fez o melhor dentro do tempo que dispunha. E não se deve esquecer a "garra" do Benito e a confiança que ele depositou em nós. Gostaria de ter ao lado da música, frequentado uma escola de arte dramática. Falta ao Brasil, uma escola que prepare para o canto e para a representação".

Com os outros não foi possível conversar mais demoradamente. O Alcides Acosta, que sempre esteve a espera de uma grande oportunidade e que se saiu muito bem, estava sempre em cena e com a corrida do tempo, não foi possível dar uma parada. Do Perina vimos e admiramos a obra, porque o autor deveria estar assoberbado. O Jucan, que confeccionou cenário e figurino, era encontrado algumas vezes morrendo de cansaço. Do Benito não ousamos roubar o precioso tempo e com a Tatá, com quem conversamos muito, constatamos mais uma vez a versatilidade de seu talento. Com os elementos do coro e atores do Rotunda, ficavam retalhos de papo de grande valia para o contexto geral.

Centro de Memória - Biblioteca



CMUHE010177

